

Ano 18, Vol. XVIII, Núm.1, jan-jun, 2025, pág. 420-427.

Dossiê: A festa Cultural Mboatava

O povo Piry Tenharin do Rio Marmelos: Ontem, Hoje e Amanhã

Daiane Tenharin
Messias Soares da Silva Neto
Débora Pereira da Costa
Jordeanes do Nascimento Araújo
Edmundo Antônio Peggion

O povo Tenharin corresponde a três grupos indígenas localizados na bacia do Rio Madeira, na região do Sul do Amazonas, sendo divididos em Tenharim do Rio Marmelos, Tenharim do Igarapé Preto e Tenharim do Rio Sepoti. O nome Tenharin é um exônimo, isto é, um nome dado por não nativos, pois estes povos originalmente são autodenominados de Kagwahiva. “A palavra *Kagwahiva*, segundo os Tenharin, significa ‘nós’, ‘a gente’” (Peggion 1995, Menéndez 1989), e corresponde a um grupo étnico com organização semelhante e língua pertencente à família Tupi-Guarani, originado do tronco Tupi. Além dos Tenharin, também se intitulam Kagwahiva os grupos étnicos Parintintin, Jiahui, Uru-eu-wau-wau, Amondawa, Karipuna e Juma.

Conforme escreve Bertolin (2015, p. 20)

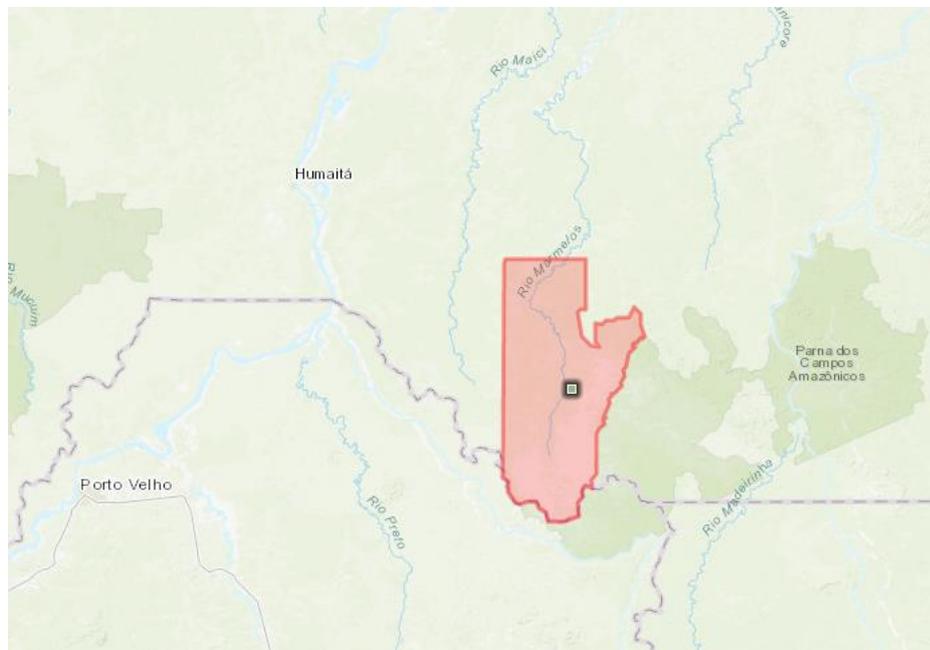
Os Kagwahiva possuem uma característica comum aos grupos Jê, e que os fazem um caso particular junto aos Tupi, que é a presença de metades patrilineares e exogâmicas: Mutum (Myty-Nygwera) e Taravé (Kwandu). Elementos estéticos também compõem uma característica desses distintos grupos: a presença das tatuagens faciais (por isso eram regionalmente conhecidas como boca-negra) e alguns desses grupos usavam o estojo peniano (kaá).

Em 1999, os Tenharin tinham uma população de 409 indígenas, já em 2006, alcançaram 699 pessoas (Funasa, 2006), distribuídas por alguns territórios de terras indígenas. Estes se consideram autônomos e possuem estreitas conexões entre eles, o que resulta, por meio do casamento, um grande trânsito de homens e mulheres entre as áreas que são ocupadas.

Os Tenharin eram cerca de 828 em 2014, de acordo com dados da Sesai. Em 2022, a população foi estimada é 525 pessoas da Terra Indígena Tenharim/ Marmelos, 100 pessoas da Terra Indígena Sepoti e 110 pessoas da Terra Indígena Tenharim do Igarapé Preto (ISA 2022¹). Em 2024 temos aproximadamente 1100 indígenas Tenharin concentrados nos três territórios demarcados Terra indígena Tenharim Marmelos, Sepoti e Igarapé Preto.

Os grupos Tenharin vivem na região do Madeira e mantêm constantes relações entre si. Segundo Peggion (1999), os Tenharin do Rio Sepoti têm origem recente a partir dos Tenharin/ Marmelos, enquanto os Tenharin do Igarapé Preto não compartilham origem em comum.

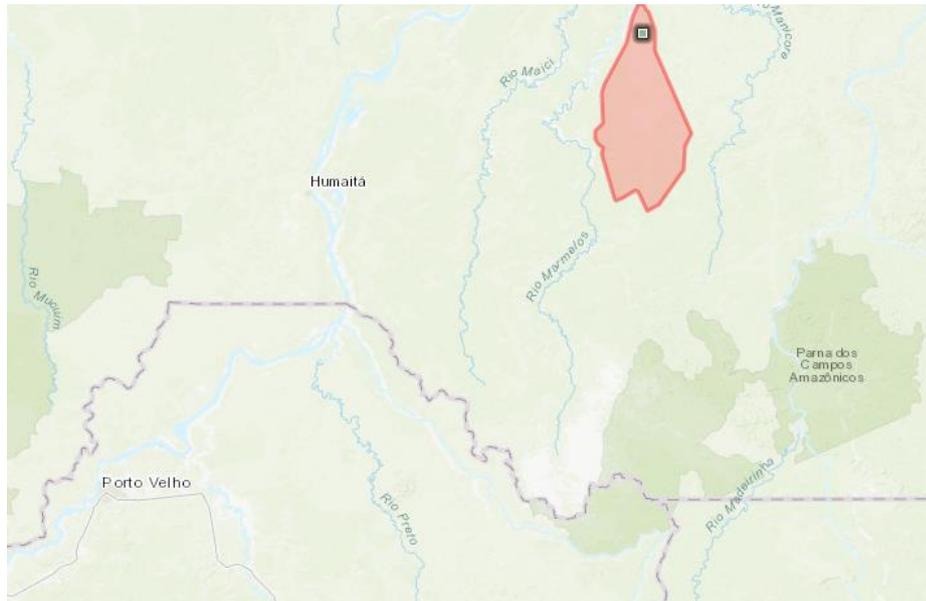
Figura 1: Localização dos indígenas Tenharin/ Marmelos



Fonte: Terras indígenas do Brasil, 2022.

¹ Os dados são informados no site Terras Indígenas do Brasil, que está contido nas referências deste trabalho. O site é de realização do Instituto Socioambiental.

Figura 2: Localização dos indígenas Tenharim do Rio Sepoti



Fonte: Terras Indígenas do Brasil, 2022.

Figura 3: Localização dos indígenas Tenharim do Igarapé Preto



Fonte: Terras Indígenas do Brasil, 2022.

Os Tenharim do Rio Marmelos, como o próprio nome já indica, se localiza à beira do rio Marmelos, um afluente do rio Madeira. Sendo que a aldeia foi cortada pela BR-230, a rodovia Transamazônica, que para os Tenharim, é o principal meio de escoamento de alguns de seus

produtos como a castanha, a copaíba e a farinha de mandioca, é também a entrada de alguns dos produtos manufaturados como o sal, o óleo, sabão etc.

Antes de irem para a margem da BR-230, esse povo vivia numa aldeia que é localizada no curso superior do rio Marmelos. Nesta área, vivia também um comerciante português conhecido como Delfin, que fez o elo com os regionais em meados da década de 1950. Foi este um dos responsáveis por levar este povo para as margens da rodovia Transamazônica.

no início da década de 1970 com o surgimento da estrada, ocorreu uma séria depopulação. Segundo os Tenharin, muitos indígenas morreram neste tempo, vítimas da gripe, sarampo, coqueluche trazidos com o contato com a frente de expansão econômica. Em 1994, a população tinha 301 indivíduos, e disso cerca de 58% possuía idade inferior a 15 anos (Peggion 1995).

Os Tenharin do Igarapé Preto moram hoje localizados na região intermediária entre a mata serrana e o cerrado, numa aldeia. Em 1997 eram 43 indígenas. Suas fontes de sobrevivência são a caça, pesca, coleta de castanha e produção de farinha, e assim fazem a venda, ou seja, o comércio desses produtos.

A partir da década de 1940, durante um grande tempo, esse povo vivia disperso na região explorando a seringa. Começaram a utilizar o sistema de aviamento e tiveram diversos padrões de seringais. Na década de 1960, esta área fora invadida por garimpeiros em busca de cassiterita. Com a descoberta de grandes jazidas e a facilidade de acesso, entre a década de 60/70, a região ficou completamente ocupada por garimpeiros, uma vez que estes realizavam a lavra de forma manual, com a abertura da BR- 364 (Cuiabá–Porto Velho) e da BR- 230 (Transamazônica).

Consoante a isso, os Tenharin do Igarapé Preto foram incorporados ao sistema de garimpo. Nesse sentido, não seria mais possível caçar ou pescar, porque, onde se fosse, havia sempre garimpeiros em suas terras.

Depois desses acontecimentos, a Empresa de Mineração Paranapanema se estabeleceu na área e, em seguida, a Mineração Brasileira Estanho Ltda. (Mibrel). Com a diminuição da cassiterita, a consequência foi que as empresas foram embora, deixando um rastro de destruição ambiental incalculável. Os Tenharin do Igarapé Preto foram abandonados tanto pelo Estado bem como pela Empresa causadora dos prejuízos ambientais, culturais e econômicos.

A localização atual desta aldeia fica próximo à margem esquerda do Igarapé Preto, a um quilômetro de distância da antiga sede da mineração, que é uma construção feita pela Mibrel, como parte das negociações pelo aproveitamento do subsolo da área indígena.

Os Tenharin do Rio Sepoti, em 1998 eram 65 indígenas, com faixa etária entre 0 e 19 anos. A área reivindicada por este povo, no momento está em processo de identificação e, divide-se em duas glebas: a gleba Estirão Grande, onde fica a atual aldeia e a gleba Sepoti, em que o grupo realiza suas atividades produtivas e está constituindo uma nova aldeia.

Os Tenharin do rio Sepoti não diferem dos grupos do Marmelos e do Igarapé Preto. Do ponto de vista econômico, são envolvidos por um sistema regional de comércio com regatões que transitam pelo rio Marmelos, trocando produtos naturais por produtos industrializados. Apesar de não realizarem suas festas tradicionais no Sepoti, estão perfeitamente ligados às tradições Kagwahiva, estabelecendo intercassamentos e participando da vida sociocultural da aldeia localizada no rio Marmelos (Peggion, 2011, Araújo 2019).

Organização social e política Tenharin

Os Tenharin em sua organização social, como os outros Kagwahiva, possui algumas especificidades em comparação a outros povos que são Tupi-Guarani: um complicado agrupamento de casamentos entre indivíduos pertencentes a etnias distintas uma das outras, ou seja, chamados metades exogâmicas e assim recebiam nome de aves. Considerando essas metades, elas são: Mutum-Nanguera e Kawandu-Tarave. A palavra mutum está associada à palavra Nanguera, porém não se refere ao nome de nenhuma ave e, sim segundo a interpretação dos Tenharin significa algo referente ao passado. Já a palavra Kwandu que significa “gavião-real” está associada à segunda palavra que é Taravé, que significa Maracanã ou Arara (Peggion 2011).

Todo indígena Tenharin faz parte da metade do pai, porque o sistema desse povo é patrilinear. Uma vez que é exogâmico, o casamento só se dá com um indivíduo que seja da metade oposta. Como consequência disso a sociedade se divide ao meio, em dois grandes conjuntos que realizam o intercassamento entre si. Para o casamento da mesma metade, só é possível acontecer quando o indivíduo vive longe. Logo, é como se a distância geográfica realizasse uma distância genealógica, tornando assim o casamento que era proibido na união aceitável (Peggion). Nos casos em que ocorre casamentos com homens brancos ou mulheres brancas o clã determina em qual metade o branco irá ser afinizado. Se for uma mulher Mutum, o branco se tornará um Taravé e vice-versa.

A forma de moradia é pós-marital entre os Tenharin é patrilocal, e verifica a existência de um tempo de serviço-da-noiva, em que o genro tem deveres ao seu sogro como pagamento pelo casamento. O período de serviço varia com o prestígio envolvido na relação. Os sogros

com mais condições em relação a outros, formam grupos domésticos trabalhando em conjunto permanentemente, porém em casos quando o poder político do sogro não existe, os genros retornam com seus próprios pais depois de cerca de cinco (Peggion 2011).

A constituição dos grupos domésticos envolve a retenção de filhos e a cooptação de genros, através da instituição do trabalho da noiva, ou seja, a obrigação do pai da esposa no trabalho. Esses grupos domésticos também podem agrupar-se em quantidades maiores, os segmentos residenciais, que constituem as facções políticas que disputam entre si no interior da sociedade (Peggion 2011, Araújo 2019).

A festa Mboatawa

O ritual Mboatawa ocorre anualmente entre os Tenharin, sendo de grande importância para o povo, possui características macro tanto em relação à sua relevância para as aldeias quanto à sua organização social, política e cultural. A importância do evento para a comunidade é evidenciada pelo empenho na preparação de cada momento do ritual, que reflete a tradição e os valores culturais do Povo Tenharin.

Por meio da festa cultural, que permite aos membros das comunidades indígenas expressarem-se através de vestimentas, músicas, comidas típicas, artesanato tradicional, ritual fúnebre, quebra da castanha, moqueim da Anta e organização social do dono da festa, foi por meio destes elementos, que os olhares etnográficos de seis estudantes buscaram compreender a importância da festa Mboatawa como evento social total (Mauss, 1977) para o povo através da percepção dos próprios membros da comunidade indígena presente.

Este dossiê tem como objetivo geral compreender o significado da festa cultural para o Povo Tenharin, ao mesmo tempo, que busca através de diversos olhares etnográficos estudantes desvelar como a festa Mboatawa torna-se o elemento fundante da cultura Tenharin.

Referências

ARAÚJO, Jordeanes do Nascimento. **O Fenômeno da Liderança Tupi Kagwahiva: Trajetórias sociais, Resistências e Movimento Indígena no Sul do Amazonas**. 2019. 343f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara – SP, 2019.

BERTOLIN, Gabriel Garcêz. **Entre outros: uma análise da transformação ritual entre os Kagwahiva**. 2014. 216f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2015.

KUROVSKI, Ângela. “**Os abandonados**”: uma reflexão sobre o mito Cosmológico Kagwahiva. **Revista Tellus**, Campo Grande – MS, ano 10, n. 18, p. 161 – 194, jan/ jun 2010. Disponível em: <<https://www.tellus.ucdb.br/Tellus/article>>.

MENENDEZ, Miguel. A área Madeira-Tapajós: situação de contato e relações entre colonizador e indígenas. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.281-296.

PEGGION, Edmundo Antônio. Ritual e vida cotidiana no sul do Amazonas: os Tenharim do Rio Marmelos. **Perspectivas - Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 29, p. 149-168, 2006.

PEGGION, Edmundo Antônio. Tenharim. **Povos Indígenas no Brasil**, 1999. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo: Tenharin>>.

PEGGION, Edmundo Antônio. **Relações em perpétuo desequilíbrio: a organização dualista dos povos Kagwahiva da Amazônia**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PEGGION, Edmundo Antônio. **Relações em perpétuo desequilíbrio: a organização dualista dos povos Kagwahiva da Amazônia**. São Paulo: Annablume, 2011.

TERRA Indígena Tenharim/ Marmelos. **Terras Indígenas no Brasil**, c2022. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas>>.

TERRA Indígena Sepoti. **Terras Indígenas no Brasil**, c2022. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas>>.

TERRA Indígena Tenharim do Igarapé Preto. **Terras Indígenas no Brasil**, c2022. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas>>.

Recebido em: 18 de novembro de 2024.

Aceito em: 19 de dezembro de 2024.

Publicado em: 01 de janeiro de 2025

Autoria:

Autor 1

Nome: Daiane Tenharin
Instituição: Associação Indígena do Povo Tenharin
E-mail: t.daianetenharin@gmail.com
País: Brasil

Autor 2:

Nome: Messias Soares da Silva Neto
Instituição: Graduado em Matemática e Física pela Universidade Federal do Amazonas
E-mail: messiassilvamre@gmail.com
Orcid <https://orcid.org/0009-0007-3871-1755>
País: Brasil

Autor 3:

Nome: Débora Pereira da Costa
Instituição: Graduada em Matemática e Física pela Universidade Federal do Amazonas
E-mail: deboracosta1019@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-2455-8504>
País: Brasil

Autor 4

Nome: Jordeanes do Nascimento Araújo
Instituição: Professor da Universidade Federal do Amazonas
E-mail: jordeanes@ufam.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6276-2727>
País: Brasil

Autor 5:

Nome: Edmundo Antônio Peggion
Instituição: Professor da Universidade Estadual Paulista-UNESP
E-mail: peggion@fclar.unesp.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9056-9417>
País: Brasil